

ROBERT WALSER: CONTRA O GRÃO DO ZEITGEIST

ROBERT WALSER: AGAINST THE GRAIN OF THE ZEITGEIST

Caio Yurgel¹

RESUMO: O trabalho propõe a tradução do conto *Das Zimmerstück*, de Robert Walser, originalmente publicado em setembro de 1915 na revista Suíça *Schweizerland*, e em seguida reunido na coletânea *Poetenleben*, de 1917. A tradução está acompanhada por um breve comentário crítico que visa situar a produção, ainda muito pouco difundida no Brasil, de um dos maiores expoentes de língua alemã do início do século vinte, e cuja decisiva influência sobre figuras da estirpe de um Hesse, um Kafka e um Sebald estão apenas agora sendo sistematicamente investigadas.

Palavras-chave: Walser; tradução; Modernismo.

ABSTRACT: This paper presents the translation of a short story by Robert Walser, *Das Zimmerstück*, originally published in September 1915 in the Swiss magazine *Schweizerland*, and later on included in 1917's short story collection *Poetenleben*. The translation is accompanied by a short critical commentary aiming at locating the still relatively unexplored oeuvre of one of the leading German-speaking authors of the twentieth century. A systematic investigation of Walser's deep and lasting influence over writers such as Hesse, Kafka, and Sebald has only recently been undertaken.

Keywords: Walser; translation; Modernism.

A prosa de Robert Walser (1878-1956) é um vírus inativo, desses que todos hospedamos, mas do qual nem todos padecemos. Não é um gosto adquirido, envelhecendo com o tempo à maneira de um bom uísque. Mínima é a maturação na obra do escritor suíço: pequenas variações sísmicas separam seu primeiro livro de seu último. Aquele leitor que não apreciar o primeiro tampouco apreciará o último. Talvez

¹ Doutorando em Literatura Comparada pela Friedrich Schlegel Graduiertenschule (Freie Universität Berlin).

seja essa uma das poucas garantias oferecidas pelo escritor, que de resto compôs uma obra atrás da outra contra o grão do *Zeitgeist*.

Por ‘contra o grão do *Zeitgeist*’ entenda-se: um escritor com um pé no romantismo e outro no modernismo, radicalmente interrogando ambos sem, porém, comprometer-se com um veredito; um escritor sem objeto, um escritor de objetos; um pintor de detalhes impressionistas contra um fundo ora burguês, ora fantástico; um realista mordaz em meio a um conto de fadas, oscilando entre a ironia fina e a contemplação melancólica.

Walser foi uma promessa literária até o limite da paciência de um público que queria poder domesticá-lo e nunca conseguiu — sobre o que afinal tratam seus textos?, perguntavam-lhe, até enfim desistirem da pergunta. Quando morreu, no Natal de 1956, no sanatório suíço onde se encontrava internado desde 1933, muitos se chocaram: ainda estava vivo? E embora suas quase invisíveis publicações tenham contado com a admiração de nomes da estirpe de um Benjamin, um Hesse, um Kafka, um Musil, um Zweig, o grau de sucesso e de reconhecimento que obteve em vida — à maneira do escritor-aventureiro de *Das Zimmerstück* que se enfia embaixo da cama — foi “igual a zero”.

Convém, portanto, que este breve conto, aqui traduzido por *Peça de câmara*, após ter sido originalmente publicado em 1915 na revista suíça *Schweizerland*, tenha sido em seguida reunido na coletânea *Poetenleben* (1917)² — literalmente: vida de poeta. A desencorajadora, angustiante, temerária vida de um poeta — Robert Walser — constantemente obrigado a negociar o conflito entre a transcendência interior (um assunto digno de um texto literário) e a existência prática (o pobre e frugal pão de cada dia). Porém evitemos aqui a saída fácil pela biografia, analisemos, ao invés e brevemente, quatro camadas postas em evidência pelo texto:

² Publicada, não custa ressaltar, em meio à Primeira Guerra Mundial — abafando ainda mais a já quase inexistente repercussão de sua produção literária.

1) Making of: seguindo a veia de outros textos seus (em particular o romance póstumo *Der Räuber* [1925, porém publicado apenas em 1972]), Walser sobrepõe duas instâncias de um mesmo evento, contando a anedota e, ao mesmo tempo, buscando a análise subjacente³. O narrador dá um passo para trás, feito a câmera que antes focava apenas a folha em branco, filma agora as costas do escritor debruçado sobre a escrivaninha. A instância narrativa oscila entre a fala e a escrita, entre a mão e a cabeça. A primeira frase do conto — que apenas muito frouxamente pode ser assim chamado, sendo antes uma provocação, um esquisso, uma profissão de fé —, já inicia o processo de ‘descolamento’ do narrador em relação ao escritor-personagem. O narrador descola-se do personagem, converte-o numa espécie de pária indefeso injustamente tratado pela sociedade. O narrador, afetando ares falsamente ingênuos, observa tudo à distância, como se o embate entre o escritor e sua vida de escritor não lhe dissesse respeito. Com isso, o narrador-Walser tece um pungente comentário sobre sua própria condição de escritor — e, como costuma ocorrer com escritores fora de seu tempo, o próprio Walser costuma ser seu melhor comentador⁴. Num instinto de preservação, no exercício de uma ironia distanciada e arrasadora, o narrador do conto vai progressivamente dando um pequeno passo para trás, até enfim encontrar-se no último parágrafo, nas gélidas e inóspitas ruas de uma capital não nomeada, como que entrevedo o escritor pela janela de seu quarto frio à medida que ele leva as mãos ao rosto e suspira.

³ No conto *Kurt*, reunido na coletânea *Die Rose* (1925), o autor afirma justamente isto: “Aber ich will nicht Anekdoten erzählen, sondern Analyse treiben” (WALSER, 2012, p.25-26).

⁴ Walser foi uma das grandes (e ainda não totalmente mapeadas) influências de Kafka, e há muito em comum entre os estilos dos dois autores de língua alemã, em particular no que tange a tais retrações narrativas. Em Walser, porém, não encontramos as implicações religiosas e morais que concedem peso à obra de Kafka.

(2) Diálogo com a tradição: Thomas Mann chegou a aventar a hipótese de que a coletânea de contos *Die Rose* (1925), a última publicada em vida por Walser, tivesse sido escrita por uma criança. Poucos não foram os críticos que o acusaram de autismo, ou falharam em compreender o recurso de Walser a um narrador ingênuo, distanciado, um narrador que no mais das vezes cria um texto opaco, translúcido, vaporoso, um no qual cada linha some para dar espaço à posterior, como famosamente formulou Walter Benjamin. Essa faceta da obra do autor suíço permanece uma das mais cativantes e intrigantes de sua obra; essa combinação entre perspicácia e humildade que causa no leitor profundo estranhamento: quando estará Walser falando sério? Por isso não custa enfatizar a expressão utilizada acima: a ingenuidade e a inocência em Walser são magistrais afetações retóricas e estilísticas — Walser não é nem ingênuo, nem autista, está em perfeito diálogo com a tradição. Neste seu *Peça de câmara*, Walser paga irônico e evidente tributo ao *Viagem ao redor do meu quarto* (1872), de Xavier de Maistre, resgatando a figura de um aventureiro fracassado, um explorador que não precisa ir longe para encontrar seu tesouro, um anti-herói que pode fantasiar com a menor coisa, o menor objeto à disposição diante de seu nariz — para em seguida ser acometido pela dura realidade que o sitia por todos os lados, apesar de seus melhores esforços.

(3) Conto sem objeto: as frases de Walser encerram um enigma que jamais será decifrado, elas são água escorrendo entre os dedos. De seu *Der Räuber* Walser escreveu que nenhum ensinamento poderia ser retirado, mesmo que houvesse gente que quisesse encontrar nos livros lições para a vida: “Para esse tipo de mui respeitável gente devo dizer, com enorme pesar, que para eles não escrevo” (WALSER, 2008,

p.12)⁵. Seus textos são poéticas excitações opacas que não deixam marcas claras, mas o rastro de um movimento; suas frases não são formulações precisas e acabadas, buriladas até resplandecer — são antes o fluxo de um pensamento efêmero que ou cativa o leitor ou lhe escapa completamente. Se foi acusado a vida inteira de fundar sua literatura na ausência de um objeto, Walser parece neste *Peça de câmara* rir dessa mesma gente que aguarda dos livros uma coleção de bem-pensantes ensinamentos: “encontrei o mais belo e profundo assunto”, exclama o escritor-personagem, e este assunto é: um prego e um guarda-chuva. Dono de uma prosa capaz de extrair empatia e *pathos* dos menores e mais inesperados objetos, Walser empreende similar manobra em outros dois exemplares textos da mesma época, *Cinzas, Agulha, Lápis e Fósforo*, de 1915, e *Baú de viagem, Relógio de bolso, Água e Seixo*, de 1916⁶. Nesses textos, assim como em *Peça de câmara*, não há lições a serem retiradas além das eventuais lições que um leitor possa encontrar em seu próprio movimento em direção à literatura. Não há moralismos, beletrismos; há apenas o encontro com a silenciosa e modesta disponibilidade do texto. Cinzas, água e pregos são convertidos em algo tão efêmero e mesmo assim loquaz, na lúgubre — porém graciosa — imagem de cinzas sendo engolidas pelo ar, da superfície da água produzindo milimétricas ondas que logo desaparecerão, de um prego enferrujado segundos antes da queda. Walser, o miniaturista, faz objetos desaparecerem, e tudo o que deles resta é o rastro de linhas

⁵ No original: “Auf Grund dieser Hilfe führte er gleichsam seine eigenartige Existenz weiter, und auf Grund dieser unalltäglichen und doch auch wieder alltäglichen Existenz baue ich hier ein besonnenes Buch auf, aus dem absolut nichts gelernt werden kann. Es gibt nämlich Leute, die aus Büchern Anhaltspunkte fürs Leben herausheben wollen. Für diese Sorte sehr ehrenwerter Leute schreibe ich demnach zu meinem riesiggroßen Bedauern nicht.”

⁶ Respectivamente: *Asche, Nadel, Bleistift und Zündhölzchen*, e *Reisekorb, Taschenuhr, Wasser und Kieselstein*, ambos reunidos na coletânea de contos *Träumen*, publicada postumamente em 1985. Logo num dos primeiros contos dessa coletânea, um dos escritores-personagem de Walser declara: “O importante desfez-se, e eu dediquei às mais insignificantes coisas uma meticulosa atenção, e com isso fui feliz” (1997, p.18). [No original: “Das Bedeutende zerrann, und ich widmete den unbedeutendsten Dingen eine genaue Achtsamkeit und war sehr glücklich dabei”.]

sobre o papel e uma indagação: a indagação pelo lugar do escritor num mundo de objetos.

PEÇA DE CÂMARA

ROBERT WALSER

Conheço um escritor que, depois de se esforçar por semanas em vão em busca de um assunto adequado, acabou por fim tendo a bela ideia de empreender uma viagem de exploração debaixo de sua cama.

O resultado dessa temerária e perigosa expedição foi, no entanto, como qualquer um que o visse em ação poderia ter-lhe dito de antemão, igual a zero.

Decepcionado e desencorajado ergueu-se nosso aventureiro do chão sobre o qual se lançara, não sem o ardente remorso de lá não ter descoberto assunto algum para um texto interessante e digno do nome.

— O que fazer agora e como diabos garantir meu pobre e frugal pão de cada dia? — perguntava-se, consumido por inquietação e ansiedade.

Enquanto matutava meios e caminhos para escapar das garras das trevas mentais que o cercavam, descobriu de chofre diante de seu nariz um espetáculo tão único, tão cativante, como nem de longe teria ousado sonhar em sua vida.

Na parede cinza, preta e bolorenta havia, com efeito, um prego velho e enferrujado do qual pendia um guarda-chuva.

— Que é isso que vejo! — Exclamou o encantado escritor de uma voz altissonante e alegre — Isso é incrível. Em nome de minha imortal alma: encontrei o mais belo e profundo assunto.

Sem refletir por sequer um minuto, nem se dar o tempo de coçar a cabeça, algo que tanto apreciava fazer antes de se pôr a trabalhar, foi direto à escrivaninha, sentou-se, tomou a pena com fervor e escreveu apressado o seguinte:

“Eu vi algo inaudito, algo a sua maneira magnífico.

Não precisei procurar longe. A peça estava bem perto.

Perdido em pensamentos estava eu em meu quarto. De súbito, vi algo farto de viver pendendo de algo cansado de viver.

Era um velho e cansado prego, quase caindo de seu buraco, este que já não o segurava mais muito bem, e desse prego pendia um quase tão velho e usado guarda-chuva.

De ver uma velharia deplorável agarrada a outra velharia deplorável, de ver e de observar uma coisa decrépita pendendo de outra coisa decrépita, feito dois mendigos que se abraçam em meio a um deserto glacial, sem esperanças, prontos para morrer a qualquer instante nos braços um do outro.

De ver como um fraco em sua fraqueza ainda sustenta outro fraco, antes de ele mesmo sucumbir à impotência completa, e de como esse infeliz, em sua deplorável infelicidade, ainda oferece ao outro infeliz sua insignificante sustentação, até os limites de sua derrocada total: eis o que me comove e me abala profundamente, e não hesitei antes de registrá-lo aqui.”

O escritor fez uma pausa. Enquanto escrevia, sua mão enregelou-se de frio, pois não possuía dinheiro suficiente para aquecer seu quarto.

Lá fora um vento glacial de dezembro varria as ruas da capital. Nosso escritor considerou longa e mecanicamente o que escrevera, apoiou a cabeça nas mãos e suspirou.

(1915)

DAS ZIMMERSTÜCK

ROBERT WALSER

Ich kenne einen Schriftsteller, der, nachdem er sich durch Wochen hindurch vergeblich abgemüht hatte, einen geeigneten Stoff aufzutreiben, endlich auf den possierlichen Gedanken kam, eine Entdeckungsreise unter seine Bettstelle zu veranstalten.

Das Ergebnis des waghalsigen und gefährlichen Unternehmens war jedoch, wie jedermann ihm, der es bewerkstelligte, zum voraus hätte sagen können, gleich Null.

Enttäuscht und entmutigt musste der Unternehmungslustige vom Boden, auf der er sich niedergeworfen hatte, wieder aufstehen, wobei er lebhaft genug bedauerte, nicht den geringsten nennenswerten, interessanten Aufsatzstoff entdeckt zu haben.

“Was fange ich nun an und womit, um der tausend Gottes willen, verdiene ich mir in Zukunft mein armseliges, karges tägliches Brot?” fragte er sich voll Sorgen und Bangen.

Wie er nun so hin und her grübelte, um aus der Geistesfinsternis, die ihn von allen Seiten umfing, einen Ausweg zu finden, sah er plötzlich nah vor seiner Nase ein so seltsames, interesseinflößendes Schauspiel, wie er es nicht von weitem zu hoffen gewagt haben würde, je in seinem Leben anzutreffen.

In der Wand, die grau, schwarz und schimmelig war, stak nämlich ein alter, rostiger Nagel, woran ein Regenschirm hing.

“Was muss ich sehen”, rief der entzückte Schriftsteller froh und laut aus, “das ist ja unglaublich. Bei der Unsterblichkeit meiner Seele: Ich habe das gedankenvollste, schönste Thema gefunden.”

Ohne sich nur einen Augenblick zu besinnen oder sich Zeit zu gönnen, bis er sich gehörig im Haar gekratzt hätte, was er doch, ehe er sich jeweilen an die Arbeit begab,

so gerne zu tun pflegte, trat er zum Schreibtisch, setzte er sich nieder, ergriff er voll Eifer die Feder und schrieb er flink folgendes:

“Etwas Unerhörtes, etwas in seiner Art Herrliches habe ich gesehen.

Weit brauchte ich nicht zu laufen. Das Stück war ganz nah.

Gedankenvoll stand ich im Zimmer. Plötzlich sah ich an etwas Lebensüberdrüssigem etwas Lebensmüdes hängen.

Es war ein alter, müder, fast aus dem Loch schon, das ihn nicht mehr recht hielt, herabfallender Nagel, woran ein fast ebenso alter und abgenutzter Regenschirm hing.

Zu sehen, wie sich ein Altes und Kummervolles an ein anderes Altes und Kummervolles klammerte, zu sehen und zu beobachten, wie ein Hinfälliges am andern Hinfälligen hing, als wären es zwei Bettler, die sich in kalter, hoffnungsloser Einöde umarmen, um eng zusammengedrückt zugrunde zu gehen, jeden Augenblick bereit zu sterben.

Zu sehen, wie Schwaches in seiner Schwachheit anderes Schwaches noch stützte, bevor es selber völlig in die Kraftlosigkeit zusammenbrach, und wie das Erbärmliche in seiner bejammernswürdigen Erbärmlichkeit dem andern Erbärmlichen wenigstens noch so lange geringfügigen Halt bot, als bis es endlich selber gänzlich abgewirtschaftet haben würde: rührte und erschütterte mich tief, und ich habe nicht zögern mögen, es hier aufzuzeichnen.”

Der Schriftsteller hielt inne. Die Hand war ihm während des Schreibens in der Kälte steif geworden; denn er besass nicht Geld genug, um das Zimmer heizen lassen zu können.

Draussen in den hauptstädtischen Strassen fegte ein eisiger Dezemberwind. Unser Schriftsteller schaute sein Geschriebenes lange mechanisch an, stützte den Kopf in die Hand und seufzte.

(1915)

REFERÊNCIAS

WALSER, R. *Asche, Nadel, Bleistift und Zündhölzchen*. In: Träumen. Suhrkamp Verlag: Zürich und Frankfurt am Main, 1997.

_____. *Das Zimmerstück*. In: Poetenleben. Suhrkamp Verlag: Zürich und Frankfurt am Main, 2012.

_____. *Der Räuber*. Suhrkamp Verlag: Zürich und Frankfurt am Main, 2008.

_____. *Kurt*. In: Die Rose. Suhrkamp Verlag: Zürich und Frankfurt am Main, 2012.

_____. *Reisekorb, Taschenuhr, Wasser und Kieselstein*. In: Träumen. Suhrkamp Verlag: Zürich und Frankfurt am Main, 1997.

Submetido em: 16/09/2014

Aceito em: 17/03/2015